

**ACTAS DEL XIII  
CONGRESO INTERNACIONAL  
ASOCIACIÓN HISPÁNICA DE  
LITERATURA MEDIEVAL**

(Valladolid, 15 a 19 de septiembre de 2009)

**IN MEMORIAM  
ALAN DEYERMOND**

**II**

Editadas por  
José Manuel Fradejas Rueda  
Déborah Dietrick Smithbauer  
Demetrio Martín Sanz  
M<sup>a</sup> Jesús Díez Garretas



VALLADOLID  
2010

© Asociación Hispánica de Literatura Medieval, 2010

© Los autores, 2010

*Reservados los todos derechos. Prohibida la reproducción parcial o total por cualquier medio, salvo para citas, sin permiso escrito de los propietarios del copyright*

Publicado por el Ayuntamiento de Valladolid y la Universidad de Valladolid

Ni el Ayuntamiento de Valladolid, ni la Universidad de Valladolid (UVa) ni la Asociación Hispánica de Literatura Medieval (AHLM) ni los editores son responsables de la permanencia, pertinencia o precisión de las URL externas o de terceras personas que se mencionan en esta publicación, ni garantizan que el contenido de tales sitios web es, o será, preciso o pertinente.

Edición realizada dentro del proyecto de investigación VA46A09 financiado por la Junta de Castilla y León.

Ilustración de la cubierta de María Varela

ISBN 978-84-693-8468-8

D.L. VA 951-2010

Impreso en España por  
Valladolid Artes Gráficas

## UM MANUSCRITO PORTUGUÊS DA TRADIÇÃO B DOS LEGENDÁRIOS IBÉRICOS

CRISTINA SOBRAL  
*Universidade de Lisboa*

Na literatura medieval, alcança-se uma visão mais clara do significado dos textos restituindo-lhes, com a aproximação possível, os lugares e os tempos que ocuparam, antes de se terem perdido para sempre. Era isso que nos dizia, em 1995, Alan Deyermond<sup>1</sup>, recomendando a elaboração de um catálogo de literatura portuguesa perdida, tal como esboçara, em 1990, um catálogo de hagiografia em castelhano perdida<sup>2</sup>.

As vidas de santos, enquanto género que, pela universalidade do seu sentido e pela sua multifuncionalidade, facilmente ultrapassava os limites da sua área de origem, são dos textos que mais viajaram no tempo e no espaço. Sabemos da existência de uma rede ibérica de circulação hagiográfica, responsável, por exemplo, pela cópia, no mosteiro do Lorvão, do *Passionário hispânico*<sup>3</sup> e pela tradução da obra de Bernardo de Brihuega no reinado de

---

<sup>1</sup> Deyermond, Alan D. “The Lost Literature of Medieval Portugal: Further Observations”. *Portuguese, Brazilian, and African Studies: Studies presented to Clive Willis on His Retirement*. Ed. T.F. Earle., Nigel Griffin. Warminster: Aris & Phillips, 1995, págs. 39-49: “Unless we take into account what has been lost, we shall never have a clear view of the significance of the extant texts, and until we have a catalogue of lost literature ...” (pág. 39).

<sup>2</sup> Deyermond, “Lost Hagiography in medieval Spanish: a tentative catalogue”, *Saints and their authors: Studies in honor of John K. Walsh*, ed. by Jane E. Connolly, Alan Deyermond, Brian Dutton, Madison, 1990, págs. 139-148. A tarefa recomendada por Deyermond, tem-na assumido a equipa da BITAGAP, que regista todos os textos noticiados e desaparecidos.

<sup>3</sup> Nascimento, Aires Augusto do, “Um novo testemunho do *Passionário Hispânico*: um códice lorvanense da primeira metade do séc. XII (Lisboa, ANTT, Lorvão, C.F.Livr.16)”, *Sub luce florentis calami. Homenaje a Manuel C. Diaz y Diaz*, Universidade de Santiago de Compostela, 2002, págs. 452-477.

D.Dinis<sup>4</sup>. No início do séc. XVI, uma edição incunabular da *Legenda Aurea* traduzida para castelhano dava origem ao *Flos Sanctorum* de de 1513, única edição completa de uma versão portuguesa do legendário voragiano que chegou até nós, apesar de haver indícios em inventários de livrarias hoje desaparecidas de outras que poderão ter existido. De facto, podem referir-se a traduções portuguesas da *Legenda Aurea*<sup>5</sup> itens como “flos sanctorum” e “lenda de santos”, embora tais designações (e outras equivalentes) se tenham generalizado, pelo que não será fácil assegurar que se referem sempre a traduções do legendário de Iacopo de Varazze. Ainda assim, creio haver razões para acreditar numa recepção mais difusa e abundante do que aquilo que os testemunhos conservados permitiriam supor, uma vez que, além do pós-incunábulo de 1513, temos acesso ao texto de um fragmento manuscrito de uma outra tradução portuguesa da *Legenda Aurea*.

Em 1916, Artur Viegas dava notícia da existência, no Arquivo de Santiago de Compostela, de um fragmento de um códice perdido<sup>6</sup>, de que restavam apenas dois bifólios (quatro folhas) de pergaminho reutilizado, provavelmente, como capa de encadernação<sup>7</sup>. Apesar das lacunas e dificuldades de leitura resultantes de aparamento e da degradação material, o códice aparentava confecção cuidada: texto a duas colunas de 34-35 linhas, iniciais de capítulo decoradas a duas cores e títulos rubricados. A letra datava-a Viegas da primeira metade do século XV e o estado da língua também<sup>8</sup>.

<sup>4</sup> Cepeda, Isabel (ed. crit.), *Vidas e Paixões dos Apóstolos*, vol.I, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1982, págs. xi-xcvi; Cepeda, Isabel, “Um fragmento inédito das *Vidas e Paixões dos Apóstolos*”, *Boletim de Filologia*, 24, 1975, págs. 295-304.

<sup>5</sup> Assim o entendeu Deyermond: “Several fourteenth-and fifteenth-century library inventories list what seems to be the earlier version, of which four folios survive” (“Lost literature”, 1995, p.48).

<sup>6</sup> BITAGAP, MANID 1567; Arthur Viegas, *Um códice português da Legenda Aurea: fragmentos duma versão inédita do séc.XV*, Lisboa, Tipág. e Papág. José Soares e Irmão, 1916.

<sup>7</sup> V. Viegas, *Um códice*, pág. 6.

<sup>8</sup> Viegas defende a datação posterior ao primeiro decénio do séc. XV devido à ocorrência de formas da 2ª pessoa do plural sincopadas (Viegas, *Um códice*, pág. 7). A BITAGAP dá uma datação menos restritiva: (1380-1450), que os dados linguísticos do texto apoiam (Ivo Castro, *Introdução à História do Português*, 2ª ed., Lisboa, Colibri, 2006, págs. 161-171): face a três ocorrências daquelas formas sincopadas registam-se sete com conservação de -d- intervocálico; a grafia das terminações nasais é etimológica em 41 substantivos, 84 formas verbais e 29 advérbios, contra uma única forma de pretérito imperfeito não etimológica (*aiijão*); todas (9) as ocorrências de preposição com pronomes demonstrativos (um na forma reforçada *aqueste*) são sem contracção; das ocorrências de preposição com artigo definido temos uma sem contracção, uma com contracção e 15 na forma intermédia *em no,-a,-s*; todos os participios passados de verbos da 2ª conjugação apresentam a forma em *-ido*; sobrevivem duas ocorrências de uma forma verbal antiga (*acaeçerõ*). Ainda sobre a língua do manuscrito entrou Viegas em polémica com Atanásio

Desaparecido o pergaminho, o texto sobreviveu apenas na transcrição de Viegas e, talvez por essa razão, esteve durante muito tempo afastado da atenção dos estudiosos<sup>9</sup>. Não é possível verificar a correcção das leituras do editor nem rever a descrição codicológica na tentativa de identificar o *scriptorium* de proveniência nem tão pouco procurar reconstituir a imagem do códice que foi desmembrado. Algumas perguntas que gostaríamos de ver respondidas ficarão para sempre sem resposta. Qual o conjunto de textos que o códice abarcava e por que razão se encontrava o fragmento em Santiago de Compostela e não em Portugal, uma vez que o códice foi feito para ser lido por portugueses? Restam-nos apenas fragmentos de capítulos cujo texto podemos interrogar na forma fixada por Viegas.

Em 2000 chamei a atenção para a filiação hispânica deste manuscrito que, colacionado com a castelhana *Leyenda de los Santos* e com o português *Flos Sanctorum*, mostrava descender de uma tradução comum. Temos, assim, uma tradução portuguesa da *Legenda Aurea*, feita na primeira metade do séc.XV sobre a tradução castelhana normalmente designada por Compilação B. Será, portanto, no confronto dos fragmentos textuais editados por Viegas com os manuscritos conhecidos da Compilação B que se poderá apurar mais algum elemento sobre o perdido legendário português. Os textos publicados em 1916 são os seguintes<sup>10</sup>:

1 – Ressurreição do Senhor: cls. 80-117 (Viegas, págs. 11-13).

2 – episódio do anúncio da destruição de Jerusalém contido na vida de S.Tiago Alfeu: cls. 89-92 (Viegas, págs. 13-14).

3 – narrativa da destruição de Jerusalém contida na vida de S.Tiago Alfeu, como unidade narrativa (capítulo) autónoma, introduzida por título próprio (“Estoria como uaspasiano et titus seu filho estroyrom a Jhrusalem”): cls. 92-178 (Viegas, págs. 14-16).

4 – Invenção da cruz (“De como foy achada a santa uera cruz”): cls.3-58 (Viegas, págs. 16-17).

---

López, que classificou o texto como galego (“Códice en gallego de la ‘Legenda aurea’ o ‘Flos Sanctorum’”, *Boletín de la Real Academia Gallega*, 9, 1916, págs. 97-107, 121-32, 145-47), ideia pertinentemente refutada por Viegas (*Um códice*, págs. 7-9, 21-24; v. também José Leite de Vasconcelos, *Lições de Filologia Portuguesa*, 3ª ed., Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1959, pág. 125).

<sup>9</sup> A pequena bibliografia sobre este manuscrito pode consultar-se na BITAGAP e em H. Sharrer, “The life of St.Eustace in Ho Flos sanctorum em lingoagem portugues (Lisbon, 1513)”, *Saints and their authors: Studies in Medieval Hispanic Hagiography in honour of John K. Walsh*, Madison, 1990, pág. 82, n.6.

<sup>10</sup> Utilizarei como sistema de referência e de identificação de segmentos textuais a clausulação da edição latina de G.P.Maggioni (Iacopo da Varazze. *Legenda Aurea*. edizione critica a cura di Giovanni Paolo Maggioni, seconda edizione rivista dall’autore, Firenze: Sismel-Edizioni del Galluzzo, 2000).

5 – Primo e Feliciano: cls. 8-23 (Viegas, págs. 17-18).

6 – Barnabé (“Estoria de Sam Barnabe apostolo”): cls.14-64 (Viegas, págs. 18-19).

Dos seis manuscritos que transmitem a Compilação B castelhana<sup>11</sup>, um revela-se de menor utilidade para este trabalho. Na verdade, S1 contém apenas, dos textos em causa, as vidas de Primo e Feliciano e de Barnabé e mesmo estes em muito mau estado de conservação, de modo que a leitura se torna frequentemente impossível. S1 apresenta uma lacuna que vai de Águeda ao Espírito Santo, abrangendo, portanto, a Ressurreição, Tiago Alfeu e Invenção da Cruz. Sendo S2 cópia directa de S1, só para Primo e Feliciano e para Barnabé é que aquele pode ser considerado *descriptus*. Considerando a sugestão de Aragües de que S2 pode ter sido copiado para suprir a lacuna de S1<sup>12</sup>, o manuscrito pode situar-se, no que aos textos desta lacuna se refere, no mesmo nível estemático, já que teria de ter recorrido a um testemunho anterior a S1.

A primeira coisa a ter em conta é a prudência com que as conclusões obtidas neste trabalho devem ser consideradas, e o risco contido nas generalizações. Como demonstrou Aragües, as relações entre os testemunhos são complexas e as dependências podem ser múltiplas (como parece ser o caso de E3 e de L). Por esta razão, as hipóteses colocadas e as deduções permitidas pela colação apenas do texto comum ao fragmento de Compostela ( C ), serão válidas apenas para este pequeno universo fragmentário e têm como principal objectivo situar na tradição o manuscrito português e, só secundariamente, os mss. castelhanos. Outra consideração prévia decorre da natureza da cópia e da tradução medievais, que continuamente refundem o texto, introduzindo variantes intencionais ou operando num universo linguístico de equivalências sinonímicas, flexível por um lado e relativamente restrito por outro. Consideremos, por exemplo, o seguinte conjunto de variantes<sup>13</sup>:

---

<sup>11</sup> Estão identificados e descritas as suas relações de parentesco por J. Aragües Aldaz, “El Flos Sanctorum con sus ethimologías”, págs. 199-205. Usarei aqui as siglas já consignadas: S1: Ms. 9 da Biblioteca Menéndez Pelayo (BETA 1607); S2: Ms. 8 da Biblioteca Menéndez Pelayo (BETA 1606); L: Ms. 15.001 (olim 419) da Biblioteca Lázaro Galdiano-Madrid (BETA 1326); E1: Ms. K-II-12 da Biblioteca do Escorial (BETA 1608); E2: Ms. h-I-14 da Biblioteca do Escorial (BETA 1466); E3: Ms. M-II-6 do Escorial (BETA 1328). Utilizei, para S2, a edição de F. Baños e I. Uria Maqua (*La leyenda de los Santos (Flos Sanctorum del Ms. 8 de la Biblioteca de Menéndez Pelayo)*, Santander, Asociación Cultural Año Jubilar Lebaniego – Sociedad Menéndez Pelayo, 2000) e para os restantes, fotocópias dos manuscritos que tenho de agradecer à generosidade de J. Aragües Aldaz, sem a qual o trabalho aqui apresentado não teria sido possível.

<sup>12</sup> J. Aragües Aldaz, “El Flos Sanctorum con sus ethimologías”, pág. 199, n.7.

<sup>13</sup> Na apresentação de variantes localizarei os passos colacionados indicando o texto com uma palavra identificadora e a cláusula da edição Maggioni. Transcrevo desenvolvendo abreviaturas e separando palavras ou adoptando a leitura de Uria-Baños (S2) e de Viegas (C).

- 1 ) *nomine* La / *chama[ua]* C / *dezián* S2 / *llamauan* L / *desian* E1 / *disien* E2 / *disian* E3 (Destruição 94)
- 2 ) *dicebatur* La / *chamauã* C / *dezián* S2 / *llamauã* L / *desjan* E1 / *disjen* E2 / *disiã* E3 (Destruição 101)
- 3 ) *cadaueribus* La / *corpos mortos* C / *cuerpos* S2 / *cuerpos muertos* L / s.l.c. E1 / *cuerpos* E2 / *muertos* E3 (Destruição 161)
- 4 ) *admonetur* La / *diselhe* C / *díxol* S2 / *amonestole* L / *dixol* E1 / *mandole* E2 / *amonestol* E3 (Cruz 37)
- 5 ) *irruentes* La / *entrarõ* C / *entraron* S2 / *entrando* L / *entrando* E1 / *entrando* E2 / s.l.c. E3 (Destruição 164)
- 6 ) s. l.c. La / *fazija* C / *fizo* S2 / *fasia* L / s. l.c.E1 / *fasia* E2 / *fasië* E3 (Cruz 12)
- 7 ) *deleri debebat* La / *aujão de seer destroydos* C / *lavían de ser estruidos* S2 / *se aviã de destroy* L / *aviã de ser destroydos* E1 / *auiã de ser destruydos* E2 / *han de ser destruydos* E3 (Cruz 18)
- 8 ) *predictum lignum supernatasse perhibetur* La / *os judeus tomarõ aquel mãdeiro* C / *los judíos tomarõnlo* S2 / s.l.c. L / *los judíos. tomarõ lo dende* E1 / *los judíos tomarõ lo* E2 / *los judíos tomarõ el madero* E3 (Cruz 22)
- 9 ) *congregata* La / *juntaronse* C / *ayuntáronse* S2 / *ayuntosse* L / *ayuntarõse* E1 / *ayuntose* E2 / *ayütose* E3 (Cruz 34)
- 10 ) s.l.c. La / *perdoando... errarom* C / *perdonãdo ... errauã* S1 / *perdonando... erravan* S2 / *perdonaua... errauã* L / *perdono... herrauã* E1 / *perdono ... errauã* E2 / *perdonãdo... errauã* E3 (Barnabé 49)
- 11 ) *non Iohannes, sed excelsus uocaberis* La / *nõ te chamarã joham mays chamarte am alto* C / *nõ te dirã iohan . mas [...].irtehan alto* S1 / *no te dirán Johán, mas dezirte han Alto* S2 / *non te dirã juã mas dizir te han alto* L / *nõ te diran juã mas desjrte han alto* E1 / *nõ te dirã iohã. Mas desir te hã alto* E2 / *nõ te diran johan mas desirtehan alto* E3 (Barnabé 58)

Trata-se de casos de alternância, sinonímica (1-4) ou de tempo verbal (5, 6), que praticamente esgota as possibilidades de variação. Em situações em que o texto latino não condiciona estritamente a tradução, é natural traduzir o verbo “dezir” pelo verbo “chamar”, indo ao encontro de testemunhos que apresentavam “llamar” sem ter tido, necessariamente, contacto directo com eles. O mesmo se pode dizer de banalizações como a de 4 e da constante reconfiguração sintáctica que torna o discurso narrativo uma sinuosa linha temporal entre os pretéritos perfeito e imperfeito e o gerúndio. Devemos, assim, evitar a tentação de fazer forçosamente caber toda a variação numa lógica mecanicamente lachmanniana.

No exame superficial das variantes, registam-se, desde logo, evidências que vão ao encontro das conclusões de Aragües: em primeiro lugar a existência

---

Indicarei o texto latino com a sigla La e usarei, quando pertinente, a abreviatura s.l.c. (= sem lugar correspondente).

das duas famílias, B1 (mss. E1, E2 e E3) e B2 (mss. L, S1 e S2), apresentando a versão B2 uma clara tendência para a amplificação e mantendo-se B1 mais próxima do texto latino<sup>14</sup>. No texto colacionado, alguns lugares sugerem que ambas as versões dependem de uma anterior tradução (B), em relação à qual B1 fez pequenas alterações e B2 inovou mais extensamente, apesar de conservar algumas lições mais fiéis ao texto da *Legenda*<sup>15</sup>:

12 ) *Per annos igitur plures* La / *E muchos años* S2 / *E por muchos años* L / *E dende a riempo* E1 / s.l.c. E2 (Destruição 118)

13 ) *ante suum exercitum* La 2 / *ante su hueste* S2 / *ante su hueste* L / *ante sy* E1 / *ante si* E (Cruz 40)

14 ) *ipsos in fugam uertit et multitudinem maximam interfecit* La / *e fizolos foir, e mató muchos dellos* S2 / *e fiso les fuyr e mato muchos dellos* L / *fiso los foyr* E1 / *e fiso los foyr* E2 (Cruz 40)

15 ) *in Christum perfecte tunc credidit* La / *creyó él estonce en Jhesu Christo muy acabadamente* S2 / *el creyo entonce en ihesu christo muy acabadamēte* L / *creyendo estonce en ihesu christo* E1 / *el creyo en ihesu christo* E2 (Cruz 43)

16 ) *elemosina, scilicet temporalis* La / *[li]mosna temporal* S1 / *limosna temporal* S2 / *limosna temporal* L / *lymos[na]*<sup>16</sup> E1 / *limosna* E2 (Barnabé 45)

A segunda evidência é o estreito parentesco entre S1 e S2, que partilham lições disjuntivas do outro testemunho da família B2 (L) ou mesmo do resto da tradição:

17 ) *a comer n̄guna cosa* S1 / *a comer ninguna cosa* S2 / *n̄nguna cosa a comer* L / *a comer n̄ a beuer* E1 / *a comer n̄ a beuer n̄ vagar* E2 / *vianda n̄guna* E3 (Primo 12)

18 ) *adelantado* S1 / *adelantado* S2 / *ēperador* L / *adelantado* E1 / *adelantado* E2 / *adelantado* E3 (Primo 19)

19 ) *asi como corderos mansos* S1 / *asi como corderos mansos* S2 / *como corderos mansos* L / *asy como corderos mansos* E1 / *como corderos* E2 / *assi como corderos māsos* E3 (Primo 20)

20 ) *fisierō mansos cō los leones* S1 / *fizieron mansos con los leones* S2 / *fuleron mansos como los leones* L / *se fesierō mansos asy como los leones* E1 / *fisierō se muy mansos* E2 / *se fisierō māsos cō los leones* E3 (Primo 21)

21 ) *mas de dose mjll omnes* S1 / *más de doze mill omnes* S2 / *mas de mjll omnes* L / *mas de dose mjll omes* E1 / *mas de dos mjll omnes* E2 / *mas de dos e mjll* E3 (Primo 22)

<sup>14</sup> V. J. Aragües Aldaz, “El Flos Sanctorum con sus ethimologías”, pág. 201. B2 apresenta maior número de textos e amplificação do discurso a partir de um núcleo comum a B1, que deveria ser o mesmo da tradução original.

<sup>15</sup> Não considerarei aqui a lição de E3, manuscrito que resulta, segundo tudo indica, de contaminação entre as versões B1 e B2. Neste caso, a concordância pontual de E3 com a versão B2 não teria qualquer significado para a questão em análise.

<sup>16</sup> A leitura é duvidosa devido à degradação do manuscrito.

22 ) *diachono* S1 / *diáchono* S2/ *el apostol diachono* L / *apostol fue diacono* E1 / *apostol e diachono* E2 / *diacono* E3 (Barnabé 14)

Quanto ao lugar do manuscrito português (C) no *stemma* que se desenha, excluindo por agora o texto sobre a Ressurreição, que constitui um caso à parte, não há qualquer dúvida de que ele pertence à família B2. De facto, C não só traduz literalmente o texto desta versão como traduz as suas amplificações características (23, 24 e 25) e variantes exclusivas. Veja-se, por exemplo, em 26, a variante que, apesar de adífora, resulta provavelmente de erro paleográfico cometido pelo copista do subarquétipo comum a todos os manuscritos da versão B2<sup>17</sup>:

23 ) s.l.c. La / [...] *que esto vijrom os príncipes dos sacerdotes derõno a huñ homẽ poderoso como adeantado segũdo fora pilato* C / *E desque esto vieron los príncipes de los sacerdotes, diéronlo a un omne poderoso commo adelantado, segund fuera Pilato* S2 / *E desque esto vieron los príncipes de los sacerdotes dieronlo a vn omne poderoso como adelãtado segũd fuera pilato* L / s.l.c. E1/ s.l.c. E2 /s.l.c. E3 (Tiago, imediatamente anterior a 90)

24 ) s.l.c. La / *mays ante se esforçaua toda vija a dizer mays o que começara* C / *mas antes se esforçava todavía a dezir más lo que cometiera* S2 / *mas antes se esforçaua toda via a desir mas lo que comẽçara* L / s.l.c. E1 / s.l.c. E2 / s.l.c.E3 (Tiago 90)

25 ) “*Ve, ue, Iherosolimis!*” *Hec Iosephus*. La / *guay guay guay aos de Jhrusalem ca faleceruos ha a uosa gloria por senpre ia mays*. C / *Guay, guay, guay! a los de Jherusalem, que falleceruos à la vuestra gloria para sienpre jamás* S1 / *guay guay guay a los de iherusalem Ca fallesçeruos ha la vuestra gloria pera sienpre jamas* L / *ay . ay . iherusalem . E1 / ay . ay . ay . por iherusalem . E2 / ay iherusalem ay iherusalem* E3 (Tiago 91)

26 ) *lactantem* La / *que amaua mujto* C / *que mucho amava* S2 / *el qual amaua mucho* L / *que mamaua* E1 / *que mamaua* E2 / s.l.c. E3 (Destruição 164).

No entanto, C não depende directamente de L nem de S2, uma vez que não reproduz os seus respectivos erros (27, 28, 29) ou variantes (31, 32) privativas:

27 ) *quadragesimum* La / *quareenta* C / *cinquenta* S2 / *xl̄* L / *quarenta* E1 / *quarenta* E2 / *honse* E3 (Destruição 92)

28 ) *tempore scilicet Neronis imperatoris* La / *em tempo de nero ho enperador* C / *en tienpo deste emperador tiberio tiberio* S2 / *en tiempo de nero el enperador* L / *dende a tiempo aujendo nero el ynperio* E1 / s.l.c. E2 / *en aquel tiempo* E3 (Destruição 118)

29 ) *nuntium* La / *mesegeiro* C / *mensagero* S2 / *omne sabio* L / *mẽsaiero* E1 / *mẽsagero* E2 / *mẽsagero* E3 (Destruição 94)

30 ) *Per annos* La/ *E per muytos anos* C / *E muchos años* S2 / *E por muchos años* L / s.l.c. E1 / s.l.c. E2 / s.l.c. E3 (Destruição 118)

31 ) *quidam christiani aduenerunt* La / *E ueerõ a el os christaõos* C / *Estonce demandó por sant Silvestre, e vino y con sus clérigos* S2 / *e vinjeron vnos christianos* L / *e venjerõ vnos*

<sup>17</sup> β no *stemma* proposto por Aragües.

*christianos* E1 / *E vinierõ vnos christianos que y estauã* E2 / *E estonçe binjerõ vnos christianos* E3 (Cruz 40)

32 ) *et non solum ex descensu angeli, sed etiam ex uirtute ipsius ligni traditur ibidem fieri et aque commotionem et infirmorum curationem* La / *em que quantos se hi banhauã guareçiam de suas emfirmidades por a virtude do madeyro* C / *en que descendíe el ângel cada día una vez. E el primero que se y vañava, desque veía el movimiento del agua, gu[a]rescié de qualquier enfermedat que oviese por la virtud del madero* S2 / *En la qual quantos se ende vañauan guarescian de sus dolençias por la virtud del madero* L / *en que todos quantos se yuã y a banar todos guaresçian de sus dolençias por la virtud deste madero* E1 / *en que todos quantos enella se vañauan guaresçian de sus dolençias por la vertut deste madero* E2 / *E todos los que alli se uañauã luego sanauã de todas sus dolençias por la virtud del madero* E3 (Cruz 21)

33 ) *Perseueranter operando fortia* La / *ao seu corpo deu mujta lazeyra* C / *a su cuerpo dio mucho laserio* S1 / *a su cuerpo dio mucho lazerio* S2 / *fue muy fuerte en dar abstinencia a su cuerpo* L / *e al su cuerpo dio [...] las [...]*<sup>18</sup> E1 / *dio a su cuerpo mucho laserio* E2 / *a su cuerpo dio mucho laserio* E3 (Barnabé 23)

Parece haver razões para pensarmos que S2 pode ser um testemunho contaminado com o recurso pontual a uma outra fonte, responsável pela variante de 31. Tratar-se-ia talvez do officio da festa da invenção da cruz, em cuja *lectio secunda* podemos ler, no passo da narrativa correspondente, *misit ad siluestrum episcopum eiusdem urbis qui dum venisset ad eum*<sup>19</sup>. Estes dados supõem que C deverá depender de um antecedente comum a S1/S2 e a L, traduzindo de forma conservadora nalguns lugares em que aqueles testemunhos erram ou inovam. Em apoio desta hipótese contamos com um grande conjunto de variantes, além das já em cima registadas, em que C se aproxima ora de S2 ora de L, seguindo sempre a lição que podemos conjecturar como aquela que estaria em  $\beta$ . A conjectura apoia-se na premissa segundo a qual quando concordam os três testemunhos escorialenses, o texto latino e um dos manuscritos da família B2, a possibilidade de a lição conjuntiva remontar aos subarquétipos ( $\alpha$  e  $\beta$ ), ou seja à tradução original, é muito alta. Partindo desta avaliação do grau de fidelidade dos testemunhos, e descontando casos de simples variação sinonímica ou de tempo verbal cujo peso estemático já desvalorizei, há pelo menos 38 casos de junção de C ora com S1/S2 ora com L, em lugares onde C transmite a lição mais conservadora. Destes 38 casos, em 29 concordam C e S1/S2 (por exemplo 34-44) e 9 aproximam C de L (por exemplo 45-47), revelando os números que as cópias S1/S2 reproduziram com maior fidelidade do que L o seu antecedente:

<sup>18</sup> ilegível devido ao repassamento da tinta do recto do fólio.

<sup>19</sup> Veja-se, por exemplo, o Breviário Romano, Basileia, Jacob Wolff, 1493, fl.120r (Inc. 57, BNlisboa).

- 34 ) *uincit uos pietas et horretis* La / *auedes doo ou ho auorreçedes* C / *vos doledes ende e lo aborrecedes* S2 / *vos doledes ende* L / *vos doledes ende o lo aborresçedes* E1 / *vos doledes del o lo aborresçedes* E2 / s.l.c. E3 (Destruição 174)
- 35 ) *uno denario* La / *por huũ dinheiro* C / *por un dinero* S2 / *a dinero* L / *por vn dinero* E1 / *por vn dinero* E2 / *por vn dinero* E3 (Destruição 176)
- 36 ) *et omnes regiones* La / *toda a terra* C / *toda la tierra* S2 / *la tierra* L / *toda aquella tierra* E1 / *la tierra toda* E2 / *toda la tierra* E3 (Cruz 34)
- 37 ) *et iam fluiuum transeunte* La / *et pasando ia o Rijo* C / *e pasando ya el río* S2 / *e passando el Rio* L / *passando ya al rrio* E1 / *e pasauã ya el rrio* E2 / *E pasando ya el rrio* E3 (Cruz 36)
- 38 ) *prese* La / *emdeantado* C / *adelantado* S1 / *adelantado* S2 / *èperador* L / *adelantado* E1 / *adelantado* E2 / *adelantado* E3 (Primo 19)
- 39 ) *et tamquam agni mansueti* La / *assy como cordeiros mansos* C / *asi como corderos mansos* S1 / *asi como corderos mansos* S2 / *como corderos mansos* L / *asy como corderos mansos* E1 / *como corderos* E2 / *assi como corderos mãsos* E3 (Primo 20)
- 40 ) *cum leonibus mansuescunt* La / *estauã mãsos cõ os leões* C / *fisierõ mansos cõ los leones* S1 / *fizieron mansos con los leones* S2 / *fueron mansos como los leones* L / *se fisierõ mansos asy como los leones* E1 / *fisierõ se muy mansos* E2 / *se fisierõ mãsos cõ los leones* E3 (Primo 21)
- 41 ) *informatus* La / *emformado* C / *enformado* S1 / *enformado* S2 / *confirmado* L / *formado* E1 / *enformado* E2 / *enformado* E3 (Barnabé 15)
- 42 ) *redeunti tamen et penitenti Barnabas indulsit* La / *Ca el tornãdose et pesandolhe do que fezera perdooulhe sam barnabe* C / *Ca el tornãdose e pesandol de lo que fisiera perdonol sãt barnabe* S1 / *ca èl, tornãdose e pesãdol de lo que fiziera, perdonól sant Barnabé* S2 / *Ca el tornandosse perdono le sant bernabe* L / *e tornandose desanparandol delo que fesiera perdonol sant barnabe* E1 / *E despues tornãdose a el e pesandole e doliendose delo que fisiera perdonolo sant bernabe* E2 / *Ca tornãdose E pesandol de lo que fisiera perdonol sãt barnabe* E3 (Barnabé 50)
- 43 ) *predicto Iohanni eius consobrin uir quidam splendidus in uisu apparuit* La / *a este johan seu sobrinho apareço huũ homẽ muy claro* C / *a este iohan su sobre[.....] appareçiol vn omne muy claro* S1 / *a este Johán su sobrino apareciól un omne muy claro* S2 / *aparesçiole vn omne a este juã su sobrino e aquel ome era muy claro* L / *a este sant juã su sobrino apareçiol vn omne muy claro* E1 / *aparesçiole a este sant juã su sobrino vn omne muy claro* E2 / *a este johan su sobrino vn omne muy claro* E3 (Barnabé 57)
- 44 ) *Constans esto Barnaba* La / *sey esforçado barnabas* C / *[sey ... ..]* S1 / *Sey esforçado, Barrabás* S2 / *esfuerçate bernabe* L / *sey esforçado barnabas* E1 / *barnabe sey esforçado* E2 / *sey esforçado barnabas* E3 (Barnabé 62)
- 45 ) *Et ille* La / *Dizelhe albano* C / *E díxol Albayo* S2 / *e dixole albano* L / *e dixol* E1 / *e dixol* E2 / *E dixo el* E3 (Destruição 108)
- 46 ) *Per annos* La / *E per muytos anos* C / *E muchos años* S2 / *E por muchos años* L / s.l.c. E1 / s.l.c. E2 / s.l.c. E3 (Destruição 118)
- 47 ) *sed ab Helena, matre Constantini imperatoris, hoc modo repertum fuit* La / *mays Elena madre de costãtino o enperador a achou ã esta maneira* C / *mas Elena, la madre de Costantino, la falló, el emperador, en en esta manera* S2 / *mas elena la madre de cõstantino*

*el enperador lo fallo enesta manera L / Mas elena la madre de costantino el enperador lo fallo. en aquesta manera E1 / mas elena madre de costantino el enperador fallola enesta manera E2 / Mas elena la madre de costantino el enperador la fallo en esta manera E3 (Cruz 33)*

A corroborar a hipótese de filiação de C, temos ainda uma lição correcta deste testemunho onde tanto S2 como L se afastam da lição conservadora:

48 ) *et coxit La / et cozeo C / e coyol<sup>20</sup> S2 / e tomo lo e cosio lo L / e coxolo E1 / e coxolo E2 / s.l.c. E3 (Destruição 167)*

O antecedente em causa, porém, não deverá ser aquele de que dependem directamente os manuscritos castelhanos da versão B2, dada a presença de um erro que lhes é comum e que não é partilhado por C:

49 ) *Yconio La / yconio C / ycomo S1 / ycomo S2 / ycomo L / yconio E1 / ycanjo E2 / yconio E3 (Barnabé 57)*

A esta variante há que juntar o seguinte conjunto:

50 ) *Albanum La / albano C / Albayo S2 / el albayo L / albano E1 / albano E2 / albano E3 (Destruição 94)*

51 ) *ille nouit quia medendi artem ignoro La / esse te pode dar saão C / sabe Ca yo nõ sã la física e guardarme ha dessa muerte L / sabe que yo non sé la física, e guardarme ha Él dessa muerte S2 / sanara a ty Ca sabe que yo nõ se la física E1 / aquel te puede sanar ca yo nõ se la física E2 / Aquel te puede sanar Ca yo nõ se física E3 (Destruição 106)*

52 ) *Inuentio sancte crucis post annos cc et amplius a resurrectione domini facta est La / A cruz de Jhesu Christo foy achada depoyos duzentos anos que Jhesu Christo rresurgio C / [F]ue fallada la cruz de nuestro Señor Jhesu Christo después dizientos años que Él resucitó S2 / Fue fallada la cruz de nuestro señor ihesu christo despues dosientos años que resucito L / La crus de ihesu christo fue fallada despues de tresientos años que ihesu christo Resusçito E1 / La crus de ihesu christo fue fallada despues de dosientos anos que ihesu christo rresuçito E2 / La crus de jhesu christo fue fallada despues de dosientos años que christo rresuçito E3 (Cruz 3)*

53 ) *In ipsa autem crux Christi La / E em esta cruz C / E desta cruz S2 / esta crus L / E en esta crus E1 / E en esta crus E2 / en esta crus E3 (Cruz 24)*

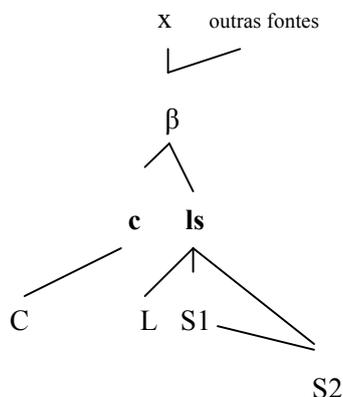
54 ) *Quod cum ille ... retulisset La / E el cõtandoo C / Este johan contãdogelo S1 / Este Johán, contãdogelo S2 / E este joan contandogelo L / E contando lo el E1 / e cõtolo el E2 / E contarõgelo E3 (Barnabé 59)*

Apesar da prudência que deve ser mantida perante o reduzido número de variantes e o horizonte de reescrita em que algumas podem caber, parece-me haver razões para defender que S1/S2 e L dependem de um antecedente, **Is**, cópia de **β**, que C não conheceu e onde se teriam produzido os erros/variantes 49, 50, 52, 53, 54.

<sup>20</sup> Erro corrigido por Baños-Uria para *coció*.

Nenhum dos manuscritos castelhanos individualiza em capítulo próprio a narrativa da destruição de Jerusalém, como faz o manuscrito português. É assim também que acontece em dois testemunhos posteriores da versão B2: a *Leyenda* de Burgos e o *Flos Sanctorum* de 1513<sup>21</sup>, o que sugere a existência de um manuscrito castelhano (c) com este traço.

O *stemma* da família B2 seria, então, o seguinte:



A derivação de S2 do mesmo manuscrito desaparecido (ls) de onde se teria copiado S1 é uma mera hipótese teórica, permitida pelos dados da colação. Na verdade, não é possível decidir, tanto mais que o *corpus* colacionado é reduzido, se foi usado o mesmo *exemplar* ou outro. Considero-o apenas como hipótese de trabalho.

Aceitando como suficientemente fundamentadas as filiações acima esquematizadas, restam por analisar alguns dados da colação que fogem ao enquadramento mais óbvio do *stemma*, por sugerirem uma relação directa entre C e os testemunhos S2 ou L, invalidada pelo maior conjunto de dados já expostos. Trata-se de lugares críticos onde C aparentemente traduz pequenas amplificações de S2 (55, 56, 57) e reproduz um erro de L (58):

55 ) *sed ille nec preces nec lacrimas effundebat* La / *nõ lhes rrogaua que o nom ferisem nẽ dezija que o soltasem nẽ choraua nẽ gemia* C / *nunca les rogava quel non feriesen, nin dizia que lo soltasen, nin llorava, nin gemia* S2 / *nũca les Rogaua que lo nõ firiessem nĩ lloraua njn gimja* L / s.l.c. E1 / s.l.c. E2 / s.l.c. E3 (Tiago 90)

56 ) *quem Iudei per inuidiam occideretu* La / *que matarõ los judios por ynbidia* E1 / *que matarõ los judios por enbidias* E2 / *que matarõ los judios en jherusalem cõ jnbidia* E3 / *el*

<sup>21</sup> “De como vaspasiano sano e destruyo a jerusalem”, *La Leyenda de los Santos*, Burgos, Juan de Burgos, 1500, fl.109; do *Flos Sanctorum em lingoagem portugues* (Lisboa, Hermão de Campos e Roberto Rabelo, 1513) perdeu-se o fl. 82, onde começaria o capítulo, mas o índice indica-nos seguramente a sua autonomização.

*que mataron los judíos en cruz por envidia* S2 / *el que mataron los judios por jnvidia* L / *o que matarom os judeus em cruz por emveia* C (Destruição 108)

57 ) *non fecit hoc* La / *nom se fez esto* C / *non se fizo esto* S2 / *nõ fiso esto* L / *nõ fiso esto* E1 / *nõ fiso esto* E2 / *nõ fiso vaspasiano esto* E3 (Destruição 119)<sup>22</sup>

58 ) *per annos cc et ultra* La / *cento anos et mays* C / *dozientos años o más* S2 / *ciento años e mas* L / *dosjentos años e mas* E1 / *dosientos años* E2 / *çient años o mas* E3 (Cruz 33)

A primeira hipótese de explicação seria a contaminação. Mas seria inverosímil aceitar que no *scriptorium* onde se traduziu C estivessem disponíveis, além de  $\beta$ , ou de uma sua cópia, também S2 e L, para serem consultados apenas muito pontualmente e em pormenores pouco significativos do texto. Na verdade, sabemos que nos faltam muitos elos desta cadeia de transmissão, que explicariam sem dúvida factos que, perante a escassez de dados, parecem incompreensíveis. Tentemos, mesmo assim, uma explicação dentro do quadro dos dados disponíveis e do processo da cópia e da tradução medievais.

Quer por descuido do copista/tradutor, quer por intenção de reescrita, a queda de pequenos elementos da frase é frequente. Todos os testemunhos a apresentam. Veja-se L na variante 34 e estas outras que servem de exemplo (entre muitas outras) para S2 e para C:

59 ) *tamquam aquam frigidam suauiter* La / *como se fosse agua fria* C / *como si fuese agua fria* S1 / *como si fuese agua* S2 / *como sy fuera agua fria* L / *comme sy fuese agua tibia* E1 / *como si fuese beuer agua fria* E2 / *comme si fuesse agua fria* E3 (Primo 18)

60 ) s.l.c. La / *E macar que o abriã com feridas* C / *e, maguer que lo abrian de feridas a todas partes* S2 / *E maguer que lo abriã con las feridas por todas partes* L / s.l.c. E1 / s.l.c. E2 / s.l.c. E3 (Tiago 90)

São especialmente significativos casos em que apenas a queda descoincidente de elementos da frase conjecturável para  $\beta$  explica as lições que actualmente apresentam os testemunhos:

61 ) *ille nouit quia medendi artem ignoro* La / *esse te pode dar saão* C / *sabe Ca yo nõ sã la fisica e guardarme ha dessa muerte* L / *sabe que yo non sé la física, e guardarme ha* E1 / *dessa muerte* S2 / *sanara a ty* Ca *sabe que yo nõ se la física* E1 / *aquel te puede sanar ca yo nõ se la física* E2 / *Aquel te puede sanar* Ca *yo nõ se física* E3 (Destruição 106)

62 ) *manus suas cum lacrimis ad celum leuauit* La / *alçou as mãos chorando* C / *alçó las manos llorando al cielo* S2 / *alço las manos al çielo* L / *daua gracias a dios disiendo* E1 / *alço las manos al çielo llorando* E2 / *alço las manos al çielo llorando* E3 (Destruição 161)

63 ) *quod patet ex hoc quod officium predicationis sibi non usurpauit, sed hoc ex auctoritate dei accipere uoluit, [...]. Secundo dei maiestati; cum enim, sicut habetur Act. xiv, maiestatem diuinam sibi quidam uellent attribuere et ei tamquam deo hostias immolare*

<sup>22</sup> Atribuo significado a esta variante porque implica alterações no entendimento do sujeito da frase.

La / Ca no qujs preegar senom per mādado de deus. Ca alguũs querêdo onrrar a sua **magestade** C / [... ..] quiso predicar si nõ por mādamjêto de dios ca algunos queriendol onrrar S1 / que non quiso predicar sinon por mandamiento de Dios, ca algunos, queriendol honrrar S2 / ca nõ quiso predicar si nõ por mandamiento de dios **e de la su magestad**. algunos queriêdo lo honrrar L / Ca nõca querya predicar sinõ por mādado de dios **e de la su magestad**. E algunos queriendo lo onrrar E1 / que nõ quiso predicar si nõ por mandamiento de dios **e la su magestad**. ca algunos le querian onrrar E2 / que nõ quiso predicar sinon por mādamiento de dios **Ca su magestad** Ca algunos honrran E3 (Barnabé 28, 30)

O elemento traduzido por C em 61 deveria estar em  $\beta$ , que amplificou o texto recebido (representado pela família B1) adicionando *e guardarme ha Él dessa muerte*. O testemunho **Is** omitiu *Aquel te puede sanar* e, por sua vez, C fez cair *sabe que yo non sé la física*. Em 62 podemos conjecturar que  $\beta$  teria *alçó las manos llorando al cielo* (ou talvez com os elementos da frase invertidos como nos manuscritos B1). Enquanto S2 copia fielmente, L omite *llorando* e C deixa cair *al cielo*. Por fim, em 63,  $\beta$  teria algo muito parecido com *ca nõ quiso predicar si nõ por mandamiento de dios e de la su magestad*. *Ca algunos queriêdo lo honrrar*, certamente reproduzido em **Is**. Enquanto S1 (seguido por S2) omite o elemento *e de la su magestad*, L apenas comete um pequeno lapso, esquecendo o *Ca*. C, por sua vez, refunde o texto deslocando o elemento *magestade* mas mantendo a sintaxe recebida.

Mais difícil de explicar é a reprodução por C do erro de L em 58. O facto de E3, testemunho contaminado, apresentar o mesmo erro pode abonar a favor da sua presença em  $\beta$  ou noutros testemunhos perdidos da mesma família. Não há dúvida de que não foi L o manuscrito usado na contaminação, visto que, quando E3 se afasta da lição da sua família, se aproxima mais da lição de S2 do que da de L, cujas variantes e erros privativos nunca reproduz, excepto neste único caso. Tudo indica que o manuscrito da versão B2 usado por E3 seria um testemunho muito próximo de S1/S2. A lição correcta de S2 teria então de ser, em 58, resultado de uma correcção do copista, perfeitamente aceitável se tivermos em conta o início da *lectio prima* do ofício desta festa, onde se lê *Anno ducentesimo trigesimo sexto a destructione templi et euerione hierusalem a vespasiano et tito filio eius*<sup>23</sup>, e se considerarmos o provável recurso de S2 a esta fonte, de que acima apontei outro exemplo.

Como tradução, o fragmento C revela as características habituais das traduções hagiográficas a partir de textos castelhanos. A regra da literalidade apenas é interrompida ocasionalmente para pequenas ampliações enfáticas ou que procuram a melhor clareza do discurso: *leões que eram muy brauos* (Primo 18), *fez logo degolar os sãctos primo et feliciano por que nõ tornasem a*

<sup>23</sup> Inc. 57 (BNLisboa), fl. 120r.

*gente aa sua fe* (Primo 23), *E entom sam barnabe tomoo ousadamente com grande atrevimento et leuoo pera os apostollos* (Barnabé 22), *et sofreo muy bem quantos males et persiguições lhe veerom* (Barnabé 25), *de grandes uirtudes et muy claro em ellas (e muy claro en todas las virtudes* S2, L, Barnabé 40), *ca tu seras rreçebido em paraíso et hj aueras galardom (ca tú recibrás galardón en Paraíso* S2, Barnabé 62).

Ao texto sobre a Ressurreição não podem ser aplicadas as relações de filiação que acima expus. Na verdade, o texto não tem qualquer parentesco com os manuscritos da família B2. Tal como sucede com outras festas do Temporal, Iacopo de Varazze escreveu para esta um texto não narrativo, de exposição teológica e doutrinal, com citação abundante de passos escriturísticos e patrísticos, certamente útil ao público que tinha em mente quando empreendeu a tarefa de compilar, em latim, a *Legenda Aurea*: os pregadores dominicanos. Não seria, porém, o tipo de texto que agradaria ao público para o qual foram feitas as vernaculizações<sup>24</sup>. Foi pensando nos interesses de leitura e de edificação deste público, certamente menos erudito, incapaz de ler latim e provavelmente leigo, que os tradutores omitiram as introduções etimológicas da *Legenda*, abreviaram as exposições teológicas e eliminaram a maior parte das citações de fontes. É por essa razão que os manuscritos castelhanos apresentam, nesta festa, uma versão radicalmente abreviada do texto latino. Pelo contrário, C tradu-lo literalmente, sem qualquer omissão. O fragmento de Santiago de Compostela corresponde rigorosamente às cláusulas 80-117 da *Legenda*. Destas 37 cláusulas, os manuscritos castelhanos apresentam a tradução abreviada de 9 (80, 87, 88, 103, 104, 108, 110, 114, 116), despojadas de todo o discurso estruturador original (subdividido em “razões” e enumerações) e de qualquer citação. O propósito de não aborrecer o leitor é, aliás, declarado: *E por otras muchas razones que sería enojo delas contar* (S2, p.118). É fácil ainda perceber que no pequeno número de cláusulas comuns, a tradução apresentada por C nada deve à dos manuscritos castelhanos<sup>25</sup>:

64 ) *cognita resurrectione ipsam recuperauerunt* La / *et vista a rresureiçõ todos a cobrarom* C / *mas quando sopieron la Resurreción todos predicaron la fe* S2 (80)

<sup>24</sup> Sobre o alargamento do público previsto por Iacopo de Varazze para a segunda redacção da *Legenda Aurea* v. G.P. Maggioni, “Le molte Legende auree. Itinerari narrativi e modificazioni testuali”, *De la sainteté a l’hagiographie. Genèse et usage de la Légende Dorée*, coord. B. Fleith – F. Morenzoni, Genève, Droz, 2001, págs. 15-39; G.P. Maggion, “La trasmissione dei leggendari abbreviati del XIII secolo”, *Filologia Mediolatina*, vol. 9, 2002, págs. 97-99.

<sup>25</sup> Tomo como referência o texto de S2, aquele de que, como vimos, C mais se aproxima, considerando que as pequenas variantes dos restantes manuscritos nada acrescentariam à questão tratada.

65 ) *Circa quintum, propter quid scilicet resurrexit, sciendum quod propter quatuor magnas utilitates nostras surrexit* La / *Quãto ao quinto por que rresuçitou deues a saber que por quatro proueytos muy grandes por nos el qujs rresuçitar* C / *Otrosi quiso luego resucitar por nuestros provechos, que fueron estos* S2 (87)

66 ) *Secundo apparuit mulieribus redeuntibus a monumento, quando dixit eis "Aue" que accesserunt et tenuerunt pedes eius, Mt. Ultimo* La / *A segũda apareçeo aas molheres que se tornauã do sepulcro quando lhes dise salue uos deus as quaes se achegarõ et abaixarõse a seus pees pera lhos beijar segũdo cõta sam matheu em no prostumeiro capitulo* C / *E despuẽs aparesciõ a las mugeres que se tornavan del monumento* S2 (116)

Não estamos, portanto, perante uma contaminação do texto traduzido do castelhano, com recurso ao texto latino, mas trata-se, segundo tudo indica, de uma tradução original, feita a partir da *Legenda*. O que poderá ter motivado o tradutor português a, no caso deste texto, prescindir da tradução castelhana que vinha seguindo e traduzir directamente do latim?

A primeira explicação é, naturalmente, a insatisfação face à *abbreviatio* castelhana. Ao tradutor português interessaria um texto com as exposições teológicas e com todas as citações de fontes. Não se trata, no entanto, de um critério geral, uma vez que aceita a tradução castelhana da Vida de S. Barnabé, que apaga todas as citações dos *Actos dos Apóstolos*, abundantes e localizadas com precisão no original voragiano. Tratar-se-ia de um critério aplicado apenas aos textos do Temporal? Não é possível sabê-lo. Mas é possível supor que o tradutor previa a utilização do texto sobre a Ressurreição como “guião” para a construção de sermões, recuperando assim a sua finalidade original. É o que indicam algumas amplificações:

<p><sup>89</sup><i>De primo Rom. IV: 'Traditus est propter delicta nostra et resurrexit propter iustificationem nostram'.</i></p>	<p>Primeiro <b>digo que a rresurreiçõ de Jhesu Christo he obrante a justificaçõ dos pecados. Asy o diz sam paulo em na</b> pistola ad rromanos iijº cº.: traydo et dado foy por nosos pecados et rresuçitou por a nosa justificaçõ. <b>Este he o primeiro proueyto.</b></p>
<p><sup>90</sup><i>De secundo Rom. VI: 'Sicut Christus resurrexit a mortuis per gloriam patris, ita et nos in nouitate uite ambulemus'.</i></p>	<p>O segũdo <b>digo que a rresurreiçõ de Jhesu Christo he mostrante nouos costumes. Asy o diz</b> em aquela meesma pistola ad rromanos. Vjº. Capitulo. Asy como Jhsu Xpõ rresuçitou por gloria de deus padre asy nos quys amar em noujdade da nosa vida.</p>
<p><sup>91</sup><i>De tertio I Pe. II: 'Qui propter magnam misericordiam suam resuscitauit nos in spem uite per resurrectionem Ihesu Christi a mortuis'.</i></p>	<p>O terceiro <b>digo que a rresureiçom de Jhesu Christo he gerar a sperança pera rreçeber galardom. Desto diz sam Pedro.</b> Prima petri ijº capitulo. Jehsu Christo por a sua grande mjsericordia nos rresuçitou em a sperança de vida por a sua rresureiçõ o qual rresuçitou dante os mortos.</p>

<p><sup>92</sup> <i>De quarto o Cor. xv: 'Christus resurrexit a mortuis primitie dormientium, quoniam quidem per hominem mors et per hominem resurrectio mortuorum'.</i></p>	<p>O quarto <b>digo que a rresurreiçom de Jhesu Christo foy ante da rresurreiçom de todos. Asy o diz sam Pedro.</b> prima petri x<sup>o</sup> v<sup>o</sup> capitulo ad corinthios Jehsu Christo se leuãtou asy como primeiro dantre os mortos. Ca por ho homẽ foy a morte. E por ho homẽ a rresurreiçõ dos mortos.</p>
--	---

Tudo o mais que possamos dizer cai sob o domínio da conjectura. Não sabemos se o pergaminho português chegou à Galiza já como capa de encadernação ou se chegou ainda íntegro e lá foi desmembrado para esse efeito. A. Viegas nada nos diz sobre o livro que protegeu. O tradutor poderia ser um dominicano português que estanciou em conventos espanhóis<sup>26</sup>, onde realizou a tradução e que acabou os seus dias na Galiza? Não é impossível, uma vez que, no período de 1380-1450, são vários os dominicanos cuja mobilidade pela Europa se encontra documentada<sup>27</sup>: assistem nos concílios de Constança e de Basileia, estudam e ensinam em Oxford, Paris, Bolonha e Colónia, ocupam cargos na Ordem fora do reino, vão a Roma em serviço diplomático do rei ou acompanham príncipes nas suas viagens pela Europa (n.º 65). Foi Provincial da Espanha, em 1417, um português (n.º 58) e outro, confessor da rainha viúva de D. Duarte, com ela se exilou em Castela (n.º 82). Entre 1421 e 1434 houve oito Pregadores portugueses assignados como leitores de Setenças em Valladolid e um (n.º 76) foi professor na Universidade desta mesma cidade.

<sup>26</sup> O manuscrito S2 poderá ter sido copiado para uma comunidade regular, como deduzem Baños-Uria da nota marginal “Manda el padre que leyere” (*La leyenda*, pág. 23), alegando que se trataria provavelmente de uma ordem mendicante ou agostiniana e não de regra beneditina, onde o representante do topo da hierarquia é designado “abade” e não “padre”. Note-se que não seria caso aqui de referência a uma personagem concreta (v. n.12) nem a nomes próprios e sim ao cargo em geral, pelo que não se esperaria necessariamente o título de “Don”.

<sup>27</sup> António do Rosário, “Notícia de frades pregadores em serviço diplomático. Séculos XIII-XVII”, separata de *A Diplomacia na História de Portugal*, Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1990.